



A INTERFACE DA DISCIPLINA DE FUNDAMENTOS DE GEOGRAFIA ESCOLAR COM A LITERATURA: Migração, Identidade e Solidão Urbana na obra *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector

Gustavo Mendes Ribeiro ¹
gustavo.mendes@uel.br

Patrícia Fernandes Paula-Shinobu ²
pfpaula@uel.br

Resumo

Este trabalho reflete sobre a interseção entre a literatura e a Geografia, com foco em como obras literárias podem ser utilizadas no ensino de Geografia. A pesquisa se baseia em uma experiência didática realizada na disciplina de Fundamentos de Geografia Escolar, no curso de licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). O objetivo principal é analisar como a leitura de obras literárias, como a de Clarice Lispector, pode enriquecer a prática pedagógica, ampliando as formas de leitura e representação do espaço geográfico. A pesquisa foi baseada em uma proposta didática em que os estudantes foram convidados a selecionar uma obra literária de sua preferência para realizar uma análise geográfica, relacionando-a com os textos discutidos em sala. Entre mais de 22 obras apresentadas, a análise se aprofundou em “A Hora da Estrela”, de Clarice Lispector. A atividade culminou em apresentações orais que permitiram a construção coletiva de conhecimento. A análise da obra “A Hora da Estrela”, que narra a trajetória de Macabéa e sua experiência de exclusão e solidão urbana no Rio de Janeiro, demonstrou que a literatura é uma ferramenta poderosa para o ensino de Geografia. O uso da obra permitiu o exercício da crítica a fenômenos socioespaciais e a discussão de temas como invisibilidade social, marginalização e pertencimento. Dessa forma, a integração da literatura na Geografia escolar contribui para uma formação mais sensível, ética e crítica dos futuros professores, valorizando as múltiplas identidades presentes no espaço urbano.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Literatura; Migração.

Introdução

No contexto do ensino de Geografia na escola básica, a articulação entre diferentes linguagens e campos do saber é uma estratégia potente para tornar os conteúdos escolares mais significativos. Neste trabalho, propõe-se uma leitura da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, a partir de uma análise geográfica voltada às categorias de migração, identidade e solidão urbana.

¹ Acadêmico do curso de Geografia – habilitação em Licenciatura, na Universidade Estadual de Londrina (UEL).

² Professora Doutora no curso de Geografia na Universidade Estadual de Londrina (UEL); responsável pelo Grupo de Pesquisa em Biogeografia, Paisagem e Educação Ambiental (BioGEA).



A escolha dessa obra e das mais de 21 outras discutidas, se deu no âmbito da disciplina Fundamentos de Geografia Escolar, durante uma atividade em que os alunos do quarto período da licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina foram convidados a relacionar obras literárias com reflexões geográficas, atividade proposta pela Professora Doutora Patrícia Paula-Shinobu. A experiência envolveu uma roda de leitura e discussão, na qual cada estudante apresentou uma análise crítica da obra selecionada, associados aos textos discutidos na disciplina.

A personagem Macabéa, uma jovem migrante nordestina que tenta sobreviver no Rio de Janeiro, é símbolo das contradições espaciais e sociais do meio urbano. A partir dela, podemos refletir sobre os conceitos de lugar, pertencimento e exclusão, bem como sobre a condição dos sujeitos marginalizados nas cidades brasileiras. Essa leitura é enriquecida pelo aporte teórico de autores como Marc Augé (1994), Livia de Oliveira (2014), Lana Cavalcanti (2010) e Amélia Luisa Damiani (2003), especialmente ao considerar a Geografia como uma ciência formadora da cidadania e da consciência crítica.

Migração e o sentido de lugar na experiência urbana

A migração de Macabéa do sertão de Alagoas para o Rio de Janeiro marca o início de um processo de deslocamento não apenas espacial, mas também existencial. O sonho de uma vida melhor, presente no imaginário de muitos migrantes internos, esbarra em uma cidade que não a acolhe. Como destaca Oliveira (2014), o sentido de lugar envolve dimensões afetivas, culturais e sociais. Para Macabéa, esse sentido está ausente: ela vive o Rio de Janeiro como um espaço de negação de sua existência.

A cidade grande, nesse contexto, não é o lugar vivido, mas um não-lugar, como conceituado por Marc Augé (1992), ou seja, um espaço de passagem, padronizado, indiferente aos sujeitos. A trajetória da personagem denuncia a invisibilidade social de quem vive às margens da cidade, sem vínculos afetivos ou relações significativas. Essa experiência reforça o que Damiani (2003) chama de ausência de apropriação social do espaço, algo que impede o exercício pleno da cidadania.

Assim, o ensino de Geografia, ao abordar os processos migratórios e a exclusão urbana, deve ir além da análise técnica do território e contemplar as relações de poder, pertencimento e negação que atravessam a vivência dos sujeitos no espaço. Para Damiani (2003), é nesse reconhecimento do espaço como construção social que reside o potencial emancipador da Geografia.



Identidade, alienação e solidão na cidade

Macabéa é marcada por uma profunda alienação. Sem consciência crítica, ela não compreende os códigos da cidade, sequer reconhece sua própria existência. Vive à margem, sem se identificar com o lugar que habita. Como afirma o narrador, ela era “um amontoado de vazios”. Essa condição de inexistência subjetiva se manifesta na ausência de identidade e no isolamento diante de uma cidade que não lhe proporciona afeto, nem dignidade.

A solidão urbana aqui tratada se conecta à geografia das desigualdades: mesmo cercada por uma multidão, Macabéa permanece invisível. Nesse sentido, a cidade grande apresenta-se como um espaço urbano segregador, marcado por exclusões. A Geografia escolar, portanto, ao trabalhar com a literatura, pode favorecer a construção de olhares sensíveis para os sujeitos invisibilizados pela lógica da cidade.

Segundo Damiani (2003), a cidadania se constrói no e pelo espaço apropriado, sendo fundamental que a escola ofereça condições para que os estudantes percebam, interpretem e intervenham nesse espaço. Ao reconhecer-se como sujeito no território, o indivíduo passa a compreender seu papel na sociedade.

Ensino de geografia e literatura: interface pedagógica

A proposta de relacionar literatura e Geografia se insere no esforço de promover uma aprendizagem significativa, conectando os conteúdos escolares à experiência vivida pelos alunos. Como aponta Cavalcanti (2010), é necessário que o ensino parta do lugar do sujeito, articulando a Geografia acadêmica ao cotidiano e às linguagens sensíveis. A autora afirma que:

Para a definição do que ensinar, para que ensinar, para quem ensinar, o professor tem múltiplas referências, entre as quais as mais diretas são, de um lado, os conhecimentos geográficos acadêmicos, tanto da Geografia acadêmica quanto da Didática da Geografia, e, de outro, a própria Geografia escolar, já estruturada pela escola ao longo do tempo. Portanto, ensinar conteúdos geográficos, com a contribuição dos conhecimentos escolares, requer um diálogo vivo, verdadeiro, no qual todos, alunos e professores, têm legitimidade para se manifestar, com base no debate de temas realmente relevantes e no confronto de percepções, de vivências, de análises, buscando um sentido real dos conteúdos estudados para os alunos. (Cavalcanti, 2010, p. 3).

Ao relacionar o livro *A Hora da Estrela* com a Ciência Geográfica, é possível despertar reflexões sobre migração, desigualdade, exclusão e identidade, explorando conceitos



geográficos de forma interdisciplinar. Essa abordagem valoriza a literatura e contribui para formar um olhar geográfico mais crítico e sensível. A obra de Clarice Lispector permite problematizar os processos de marginalização e os impactos subjetivos da vida urbana sobre os sujeitos.

Damiani (2003) reforça que a Geografia escolar não deve apenas informar, mas também formar, ajudando os estudantes a compreender o espaço em sua complexidade e a atuar de maneira a realizar o exercício da cidadania. Nesse sentido, o trabalho com a literatura é também um gesto de resistência à fragmentação do saber.

Considerações finais

A análise geográfica da obra *A Hora da Estrela* revela como o ensino de geografia deve ir além da transmissão de conteúdos técnicos, assumindo um compromisso político-pedagógico com a valorização de multiculturalidades, e com o reconhecimento das experiências dos sujeitos historicamente marginalizados. A literatura, nesse sentido, pode ser uma aliada no ensino da Geografia, ao permitir o diálogo entre razão e sensibilidade, espaço e sujeito. A trajetória de Macabéa simboliza a dor dos deslocamentos e do não-pertencimento, iluminando aspectos da realidade urbana que muitas vezes passam despercebidos nos currículos escolares.

Integrar a leitura literária ao ensino de Geografia é um caminho para fomentar a criticidade e a sensibilização e a conscientização dos alunos, aproximando o conteúdo escolar de suas realidades. Ao utilizar questões como a migração, a identidade e a solidão, promove-se uma didática em que atribui ao estudante o protagonismo na leitura crítica de seu espaço social, contribuindo para uma formação mais humana.

A leitura geográfica da narrativa articula os conceitos de migração, identidade e lugar, à luz de autores como Livia de Oliveira (2014), Lana de Souza Cavalcanti (2010) e Amélia Luisa Damiani (2003), e complementado pelo conceito de não-lugares, desenvolvido pelo antropólogo Marc Augé (1994). A partir da interconexão entre os autores, discute-se como o espaço urbano pode se configurar como território da negação para sujeitos como Macabéa, que não encontram vínculos afetivos ou sociais que lhes permitam construir pertencimento. A migração, nesse contexto, revela-se não apenas como deslocamento físico, mas como experiência de estranhamento e desenraizamento.

Ao trazer a literatura como recurso didático, este trabalho propõe o ensino de Geografia como prática interdisciplinar, sensível às vivências dos sujeitos e comprometida com a



formação crítica e cidadã. Damiani (2003) enfatiza que a Geografia deve contribuir para que os estudantes compreendam a sociedade a partir da espacialidade que constroem e experienciam, desenvolvendo consciência de seu papel como agentes transformadores do espaço vivido. A abordagem adotada, portanto, transpassa a dimensão conteudista da disciplina e aponta para uma Geografia que reconhece as diferenças, as desigualdades e a pluralidade de experiências como elementos centrais do processo educativo.

Neste sentido, a análise da obra de Clarice Lispector torna-se uma possibilidade de tematizar questões estruturantes da realidade brasileira, como a desigualdade socioespacial, os fluxos migratórios e a exclusão urbana, a partir de uma linguagem poética e profundamente humana. A proposta reforça a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com outras formas de expressão, favorecendo o desenvolvimento do pensamento crítico e do pertencimento.

Referências bibliográficas

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas: Papyrus Editora, 2012.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e a realidade escolar contemporânea. In: Seminário nacional: Currículo em Movimento - Perspectivas Atuais, 1. 2010, Belo Horizonte. Disponível em <<https://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-1128>> Acesso em: 15 de julho de 2025.

DAMIANI, Amélia Luisa. A geografia e a construção da cidadania. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.): **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 50-61.

LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. Lugar Enquanto Circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (orgs.) **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. São Paulo: Perspectiva, 2012.